

## SER MULHER E SER PROFESSORA: quais os limites existem neste dilema?

*Analice Alves Marinho Santos  
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior*

### Resumo

O presente artigo, na modalidade de ensaio teórico-reflexivo-participativo, não funciona como uma fórmula mágica a ser seguida em uma espécie de receita. Muito menos visa trazer conforto ou acalanto, até porque, dentro da temática trabalhada, é bastante difícil e escancara uma realidade vivenciada por séculos e que apresenta uma série de questões. O trabalho discute sobre os limites entre o gênero e a profissão docente dentro de um sistema capitalista e, sobretudo, patriarcal. As problemáticas, aqui, traçadas visam identificar como as mulheres constroem saberes, lutas e também afetos diante do professorado, entendendo quais os limites existentes dentro e fora da sala de aula. A literatura aponta a existência de muitos dilemas e dificuldades, acima de tudo, construídas pela sociedade, criando pressupostos do entendimento sobre como se tornar uma mulher e, principalmente, uma professora. Portanto, chegue cedo e pegue um lugar bem à frente para acompanhar esta discussão.

**Palavras-chave:** docência; dilemas de gênero; afetividade.

## BEING A WOMAN AND BEING A TEACHER: what are the limits of this dilemma?

### Abstract

This article, written in the form of a theoretical-reflective-participatory essay, is not intended to serve as a magic formula to be followed like a recipe. Far from it, it does not aim to offer comfort or solace, not least because the subject matter it addresses is quite challenging and lays bare a reality that has been experienced for centuries and raises a host of questions. The work discusses the boundaries between gender and the teaching profession within a capitalist and, above all, patriarchal system. The issues outlined here aim to identify how women construct knowledge, struggles, and also affections in the face of the teaching profession, understanding the limits that exist both inside and outside the classroom. The literature points to the existence of many dilemmas and difficulties, above all constructed by society, creating assumptions about what it means to become a woman and, above all, a teacher. So, arrive early and grab a seat right up front to follow this discussion.

**Keywords:** teaching; gender dilemmas; emotionality.

## SER MUJER Y SER PROFESORA: ¿qué límites existen en este dilema?

### Resumen

El presente artículo, concebido como un ensayo teórico-reflexivo-participativo, no pretende ser una fórmula mágica que deba seguirse como si se tratara de una receta. Mucho menos pretende ofrecer consuelo o tranquilidad, sobre todo porque, dada su temática, aborda una realidad que se ha vivido durante siglos y que plantea una serie de cuestiones. El trabajo aborda los límites entre el género y la profesión docente dentro de un sistema capitalista y, sobre todo, patriarcal. Las problemáticas aquí planteadas pretenden identificar cómo las mujeres construyen conocimientos, luchas y también afectos frente al profesorado, entendiendo

cuáles son los límites existentes dentro y fuera del aula. La bibliografía señala la existencia de muchos dilemas y dificultades construidas, sobre todo, por la sociedad, que crean supuestos sobre cómo convertirse en mujer y, sobre todo, en profesora. Por lo tanto, llega temprano y busca un sitio en primera fila para seguir este debate.

**Palabras clave:** docencia; dilemas de género; afectividad.

## O PRIMEIRO SINAL: O INÍCIO DA AULA

Antes de, propriamente, se iniciar a discussão sobre a docência, bem como sua característica quase que fundamental aplicada ao gênero, é necessário realizar uma construção sobre os saberes históricos disseminados ao longo da sociedade. Inicialmente, é necessário discutir sobre gênero, ou como estabelecido anteriormente pelas nomenclaturas sociais, “sexo”.

A autora Guacira Louro explica que gênero e sexualidade, apesar de serem coisas distintas, são complementos dentro da formação humana. Sendo impossível dissociar esses termos, ambos são formas de representação e de como as pessoas se entendem e se enxergam enquanto pertencentes a uma sociedade, por isso a cultura é um elemento importante para construção do gênero (Louro, 2008). Nesse sentido, a autora também afirma que as relações de poder atravessam os corpos e subjetividades, e assevera que “[...] gênero não é uma essência, mas uma construção social e histórica, atravessada por discursos e práticas que produzem sujeitos” (Louro, 1997, p. 23). Nessa perspectiva, o conceito de gênero não é mais aceito como restrito à discussão biológica, mas cultural, na qual as normativas sociais e culturais moldam as identidades e comportamentos.

Com essa abordagem de gênero, fruto de normativas sociais e culturais, o gênero não pode ser analisado, de acordo com Louro (1999), como algo natural: ele é o resultado de processos discursivos (de poder, inclusive) e pedagógicos (sobre o que e como ser) que produzem modelos de homens e mulheres. E, diante disso, questionamos neste artigo como, ao longo da historicidade do que é ser mulher e docente, a representação do ser professora traz normativas e expectativas sociais normatizantes e, conseqüentemente, assujeitamentos violentos e sistemáticos, afinal, o gênero também é um campo de forças que regula corpos e identidades (Louro, 1999).

Compreendendo o gênero como um dispositivo de poder, Guacira Louro se aproxima de Foucault (2014) quando ele discorre sobre como a sociedade foi estabelecendo os papéis, tanto sociais quanto morais, para o que se destinaria a um homem e a uma mulher. O autor recorda como, ao longo do tempo, foram estabelecendo posturas e comportamentos atribuídos aos gêneros, conforme as sociedades foram se especializando e se tornando cidades, marcando, assim, como cada um poderia se expressar em diversos espaços públicos e privados.

É necessário salientar que, embora Foucault não tenha desenvolvido uma teoria específica sobre gênero, suas análises sobre poder, disciplina e biopolítica foram apropriadas para problematizar como os corpos são regulados não apenas em espaços institucionais, mas também em práticas cotidianas, afinal, o poder não possui apenas a característica repressiva, mas produtiva, pois cria sujeitos e identidades. Nesse sentido, defendemos, aqui, que o gênero é uma prática disciplinar: ser homem ou mulher envolve processos de docilização e normalização que tornam os corpos úteis e obedientes às normas sociais (em termos políticos de obediência) (Foucault, 2014).

Em seus escritos, Michel Foucault explica que o poder está ligado à produção da verdade: aplicado ao gênero, isso significa que as verdades (ou representações) sobre masculinidade e feminilidade não são naturais, mas efeitos de regimes discursivos que produzem e legitimam certas identidades enquanto marginalizam outras (Foucault, 1988). Ao estudar sobre a história da sexualidade, Foucault analisa o conceito de biopoder e, inserido em nossa discussão sobre gênero, podemos compreender como o gênero pode ser regulado por dispositivos disciplinares, mas

também políticas de saúde, reprodução e sexualidade, ou seja, dispositivos biopolíticos que controlam populações, culturas e corpos (Foucault, 1988).

Safioti (2015) esclarece que tudo isso nada mais é do que o patriarcado, a força da dominação masculina que resultou em liberdades para os homens e exclusões para as mulheres. Assim, os direitos não eram iguais, ao contrário, eram divergentes. Além do mais, isso é resultado do machismo, como afirma Brito (2024), como estrutura social. O machismo impera o poder do masculino frente ao feminino, colocando o rebaixamento e as desigualdades entre os gêneros. Assim, o machismo apresentou estereótipos e formas de dominação de poder e, consequentemente, o estabelecimento de espaços destinados a homens e mulheres.

Butler (2018), inclusive, retrata como as mulheres, ao longo da história, foram “castradas” em muitos aspectos, ou seja, negadas em muitos aspectos dentro do que se espera enquanto papel de ser homem ou mulher. Nesse sentido, essa castração significou estar sem poder e participação na política, economia, trabalho, lazer e tantas outras atividades e ações sociais, restringindo o ser mulher a apenas o contato com a casa e a criação dos filhos, e o casamento. Por conseguinte, o machismo impera nas relações entre homens e mulheres, estabelecendo formas de controle e submissão. Diante dessa discussão, fica notório entender que não havia espaços para a representatividade feminina nos locais de trabalho. Querino, Domingues e Luz (2013) apontam que, só com a chegada de grandes guerras, as mulheres passaram a desempenhar papéis laborais que antes ficavam a cargo dos homens. Ainda assim, não é possível falar de um processo evolutivo, visto que ainda havia pouca participação de gênero nos locais de trabalho para além desse movimento guerrial.

Ainda é possível falar que o resultado desse machismo e das estruturas patriarcais estabeleceram diversas violências de gênero. Aguiar e Pelá (2020) apontam para a construção do ódio às mulheres, concebido como misoginia. É essa prática que estabelece as diversas agressões dirigidas às mulheres em diversos espaços. A violência se constitui como mais um mecanismo dessa opressão, não é à toa que, no cenário político brasileiro, existe, até o momento, a luta para a validação da PL 896/2023, a qual concretiza a misoginia como crime (Brasil, 2026).

Diante disso, a construção de ser mulher perpassa uma característica histórica, ressaltando, portanto, um comportamento adequado do que se espera deste gênero, estabelecendo normatizações para isso. Nesse sentido, uma das características e atribuições, neste caso, diz respeito aos “dons” dados a essas mulheres. A docência se configura como um desses dons. Por meio das atribuições sociais, foram estabelecendo que o gênero feminino possui maiores habilidades no que tange aos processos de ensinamento. O que antes era apenas destinado a outras mulheres, visto que os conhecimentos aplicados eram sobre afazeres domésticos, passou a ser utilizado em outras formas de aquisição de conhecimento, como a sala de aula (Costa; Ribeiro, 2011).

A experiência de se tornar professora não é apenas uma ideação pessoal e intransferível. Araújo e Oliveira (2022) apontam como outros condicionantes foram elementares para a distribuição do papel de se tornar uma professora. O Estado, as religiões e tantos outros acontecimentos históricos, como a ditadura militar no Brasil, mostraram como essa docente deve exercer seu ofício e, acima de tudo, quais os limites dessa função, extrapolando, muitas vezes, até a sua própria capacidade e seu alcance frente a uma realidade que, muitas vezes, é totalmente diferente em relação ao que se encontra em uma sala de aula.

Borges (2012), inclusive, chama a atenção sobre como essa construção imagética sobre ser professora é construída socialmente, sobretudo em filmes e demais retratações audiovisuais. Existem processos de acumulação de funções e abstenção de outras, colocando a professora como uma figura imbatível e invencível. Assim, espera-se, pelo menos no imaginário coletivo, que esta

mulher à frente de uma sala de aula possa configurar todos os problemas, sobretudo os seus, da escola e dos alunos, para, enfim, buscar soluções concretas e aplicáveis a cada um desses atores.

Conclui-se, portanto, a consolidação de uma concepção de docência historicamente feminizada, marcada pela associação a atributos como afetividade, cuidado, delicadeza e ternura. Pode-se citar como exemplo a personagem da atriz Gabriela Rivero, na telenovela mexicana “Carrossel” (1989), como um exemplo a ser seguido em sala de aula. Mas, será que isso é possível? Pegando como parâmetro a realidade brasileira, um país continental e cheio de escolas distintas, como ser mulher e professora? É nesse questionamento que este artigo emerge em sua discussão. A partir daqui, como já relatado anteriormente, não existe uma fórmula a ser seguida ou repassada. O presente trabalho tenta reorganizar ideias e pensamentos para refletir de forma coletiva sobre a seguinte questão: o que seria uma mulher professora?

## **PLANEJANDO E ORGANIZANDO A AULA**

Essa seção se assemelha a um processo metodológico estabelecido por educadores dentro da construção de uma aula, estabelecendo, assim, os sentidos e as finalidades desses encontros, fomentando a aula em si. Esse texto funciona como uma espécie de ensaio, pois, como afirma Meneghetti (2011), esse tipo de modalidade de escrita visa desenvolver reflexões frente a uma problemática analisada. Nesse sentido, busca-se criar interrogações e compreender como as situações são geradas e se mantêm da forma como se encontram. Assim, essa forma de trabalho auxilia no desenvolvimento crítico de quem lê, compondo uma construção coletiva diante das questões que são apresentadas dentro de um estudo.

A produção desse texto nasce da vivência das referidas autoras, contemplando perspectivas vivenciadas nos espaços educacionais, sejam no Ensino Básico ou Superior. Assim, as experiências e demais percepções compartilhadas por tantas outras docentes nesses espaços auxiliaram nas inquietações produzidas aqui. Nesse sentido, diante de tantas sensações, o presente trabalho busca levar para academia esta discussão, proporcionando a viabilização de ações e medidas de solução diante das problemáticas apresentadas.

Diante disso, o ensaio buscou a produção de escritos nas bibliotecas virtuais, como Scielo e Google Acadêmico, realizando leituras sobre a temática apresentada. Buscou-se trabalhos em língua portuguesa entre os anos de 2023 e 2026, abrangendo, sobretudo, relatos de experiência, pois alinha-se com a vivência que gerou o interesse de pesquisa, que foi descrito anteriormente. A partir daí, por meio das reflexões localizadas, o texto estruturou as ideias e as discussões construídas nos tópicos subsequentes.

Além do mais, este artigo busca promover uma discussão interseccional. Conforme Collins e Bilge (2020), esse termo engloba a percepção dos fenômenos de uma forma ampla e que abrange a discussão frente a movimentos de gênero, raça e classe. Dessa forma, fica inviável não olhar para esses aspectos em um debate dessa magnitude, já que a misoginia e o patriarcado também fazem parte do recorte de estudo realizado nestas linhas.

## **VIVENDO EM UMA SALA DE AULA, MAS QUASE UMA CASA**

A sala de aula pode-se tornar uma extensão da casa dos professores. Existem milhões de situações necessárias para se realizar uma aula. E, na maioria das vezes, o tempo reservado a isso extrapola os limites da sala de aula. Como afirma Miléo (2023), as superlotações das escolas têm

sido uma tarefa desafiadora diante do professorado, uma vez que a quantidade de alunos requer ainda mais tempo e recursos que, muitas vezes, são escassos. Preparar uma sala de aula não é uma tarefa fácil, pois advém de uma série de necessidades. Além do mais, é preciso que o docente possa acompanhar o processo de aprendizado de cada discente. Dessa forma, é difícil realizar essa tarefa diante de uma grande quantidade de alunos nas turmas. E, ainda assim, esses professores estão com uma carga horária bem extensa, o que também dificulta esse processo de acompanhamento.

Diante de uma sala de aula com diversas situações acontecendo ao mesmo tempo, apenas o cuidado parece ser a resposta para esse desafio. Isso, geralmente, está relacionado à perspectiva de gênero que se constrói frente a essa profissão. Então, assim, cabe à mulher, à professora, colocar todo esse instinto maternal na construção do seu trabalho, entendendo, então, a sala como uma extensão de uma quase maternidade - ainda que alguma professora não tenha filhos ou não tenha o desejo de tê-lo. Por outro lado, esse requisito quase que estabelecido para ser uma professora também gera uma comoção social, ou seja, parte de uma pressão pública, sendo novamente mais um estigma construído do patriarcado e que, neste caso, reverbera no campo do trabalho da mulher.

Dessa maneira, é possível inferir sobre como a professora expulsa, muitas vezes, a sua característica própria, seu jeito de ser, para um bem maior: o ensino. Ela precisa se despir de todas as ideias e concepções que possam aparentar, de alguma forma, em sala de aula, uma vivência que fuja totalmente dos parâmetros de sala de aula. Assim, espera-se não somente o reflexo disso enquanto professora como para com seus alunos, estabelecendo ao gênero alguns aspectos como ser doce e submissa diante do cotidiano do aprendizado, estabelecendo, assim, comportamentos que possuam uma ligação bem próxima ao que se espera de determinado gênero (Fernandez, 1994).

A autora segue discorrendo como isso descaracteriza a identidade dessa professora, provocando uma homogeneização da profissão. Apesar da Educação validar a diversidade, essa cristalização sobre se tornar uma professora pode gerar conflitos diante da construção do seu próprio eu. É preciso entender a composição dessa carreira sem perder a essência de cada mulher, uma vez que características pessoais acabam reverberando na postura dessa profissional. Ainda que a autora reconheça essa necessidade, essa tarefa não é nada fácil. Ambos os papéis - mulher e professora - acabam se confundindo dentro da premissa de como essa mulher se reconhece e como o mundo também a concebe (Fernandez, 1994).

Ainda mais, à mulher é atribuída a uma série de outros papéis, como o sustento e a gerência de um lar, o que é justificado por conta do machismo estabelecido nas relações sociais de gênero. Todas essas demandas ainda atreladas ao trabalho do professorado geram diversas sobrecargas em muitos níveis. Isso sem contar que, frequentemente, o trabalho invade as casas dessas mulheres. Assim, o ofício gera conflitos em muitos aspectos da vida e do cotidiano dessa professora. Uma dessas consequências pode ser a anulação de muitas outras vontades e desejos que acabam sendo cerceadas por conta dos prazos e outras necessidades exigidas constantemente para essas mulheres. Em contrapartida, o mundo, os discursos (inclusive nas redes sociais) divulgam constantemente o quanto essa mulher consegue manter todas as demandas. O que esse movimento pode gerar em todas elas? (Gil, 2020).

Ataíde e Nunes (2016) recordam, ainda, que a profissão de docência surgiu com uma grande presença masculina, onde a feminilização ocorreu diante da expansão de outras áreas de conhecimento, às quais tinham apenas representatividade dos homens. Nesse sentido, existe uma questão histórica, secular, e, acima de tudo, patriarcal. Coube às mulheres, então, a posição de professora como um reflexo das suas atividades relacionadas à maternidade. Outro ponto nessa discussão diz respeito ao acesso formativo dessa professora. Foram anos de exclusão delas em

determinadas ciências, onde, majoritariamente, era ocupado apenas por homens. Não dá para pensar nesse quesito sem observar a construção sexista dessa profissão.

Ao feminino, portanto, está reservada a doçura, a sensatez e a compreensão, elementos que são fundamentais na sala de aula. Isso apresenta uma questão de gênero interessante a ser pensada, pois parece extinguir a necessidade do gênero masculino de possuir essas habilidades e que, nesse ponto, é fundamental para a sala de aula. Ao mesmo tempo, essa mulher é cobrada a ser um modelo de referência diante de uma classe à qual possa copiar seu modo de viver e agir. Essa conduta, inclusive, é reflexo dos papéis que a sociedade passa a impor frente a ser uma mulher. Qualquer situação que possa fugir desse contexto não será admitida dentro do professorado. Assim, o ofício trabalhista também passa a ser uma forma de opressão diante da interseccionalidade de gênero (Costa; Ribeiro, 2011).

Nesse ponto de discussão, ainda é preciso avaliar de qual lugar da docência se fala. Um exemplo aplicado à questão diz respeito à Educação Infantil. As professoras desse nível formativo ainda estão cada vez mais entrelaçadas nesse estigma. Penafie, Silva e Zibetti (2019) recordam que essa indicação diz respeito à associação que crianças nesse estágio necessitam para a sua sobrevivência. O cuidado, sobretudo materno, é essencial para o bem-estar dessas crianças, o que faz com que esses papéis se entrelacem diante da profissão. O currículo também reitera a aplicação dessa postura em sala de aula, o que reforça esses parâmetros de percepção sobre as professoras de Ensino Infantil.

Diante de uma sociedade que exige muito, sobretudo diante da produtividade do trabalho, é possível falar para além do adoecimento mental dentro do aspecto de saúde do trabalhador. Dessa forma, a discussão vai além da síndrome do esgotamento, pois o aspecto do gênero ainda apresenta muitas outras nuances. O sentido de culpa, que gera angústias e tantas outras questões psicológicas, fazem com que essa mulher não se sinta bem, responsável, trazendo para si uma série de culpabilizações. Muitas delas se encontram sozinhas dentro da busca desse equilíbrio, o que afeta ainda mais os esgotamentos da profissão.

Muitas vezes, também sobra a essa mulher o papel de mediadora de muitas situações dentro da sala de aula. O que se pode confundir, comumente, com uma percepção de “instinto materno”, onde se concebe que essa professora consegue lidar com os conflitos que possam surgir dentro da rotina do foco escolar por, historicamente, o patriarcado colocar a cargo da mulher o papel dessa educação que não parta do princípio didático. Dessa maneira, além de todas as demais funções, sobra para esta educadora a necessidade de controle das situações que fogem do processo de ensino-aprendizagem.

Souza e Melo (2018) contam sobre essa historicidade da docência, reiterando a presença do marcador social de gênero como um elemento fundamental na sua constituição:

Assim sendo, observa-se que o processo de inserção da mulher no magistério se deu a partir de uma necessidade política/econômica, pois havia diferença salarial entre o sexo masculino e feminino. Também não se pode negar a influência da religião, pois o magistério passou a ser visto como uma profissão por excelência feminina, sustentada pela ideia de da para cuidar das crianças pequenas (Souza; Melo, 2018, p. 6990).

Azevedo e Sbrissa (2023) garantem que, apesar das discussões anteriores, a entrada da mulher na docência não foi um processo fácil. Ainda sobre a forte influência do patriarcado, a figura feminina passou a se inserir nos espaços educativos fora das residências por acreditarem ser necessário um zelo com cuidado e afeto onde, muitas vezes, era impossível estar associado e presente no cotidiano das relações masculinas. Assim, é inviável não pensar em como essa

feminização da docência passa por um estereótipo, repercutindo socialmente em como essas representações estão presentes desde as formações e presença no cotidiano das salas de aula.

## MAS AGORA ESTÁ NA HORA DE VOLTAR PARA CASA

Além da sobrecarga vivenciada no cotidiano da sala de aula, as professoras ainda carregam consigo, na volta para casa, muitos desafios a serem realizados. Assim, o trabalho ainda não acabou. Além de provas, tarefas, trabalhos, planejamentos e afins, cabe a essa mulher o direcionamento da sua própria vida. Casadas, ou não, as mulheres ainda carregam consigo uma sobrecarga de atividades, ainda mais se possuírem filhos. Toda a administração dessas extensões não é um processo fácil. Não é à toa que Silva *et al.* (2024) apontam a constante presença de burnout no cotidiano dos professores, o que acarreta uma série de adoecimentos. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) apontam que cerca de 62% dos professores brasileiros relataram sofrer de estresse, ansiedade e depressão (Brasil, 2024). Lima (2023) conta que a rotina do trabalho dos professores gera sobrecarga e estresse diante das múltiplas tarefas necessárias, causando uma grande taxa de evasão na docência.

Esse sofrimento também reflete em toda a dinâmica dessa professora, que, geralmente, é arrimo de família. Assim, essas dores trabalhistas não corrompem apenas a sua própria subjetividade, mas a percepção de terceiro, sobretudo aqueles que estão proximamente ligados à sua convivência. Isso bagunça toda uma estrutura não só de saúde, mas familiar. O questionamento mais comum nesse momento seria: quem cuidará desta professora? Estando sempre atrelada ao cuidado, quando o papel se inverte, como será que podemos resolver este dilema?

Aragão e Kreutz (2012) analisam como essas professoras carecem de cuidado, já que a violência também escancara o seu cotidiano. A relação de mãe e filho pode ser permeada por momentos adversos, com conflitos e uma série de desentendimentos. Seguindo essa lógica, a professora pode se tornar uma figura representativa de uma certa mãe, onde também poderá seguir esse mesmo caminho. O aluno vê nessa figura de autoridade um aceitamento diante de ações e atitudes agressivas. Isso representa um extremo perigo, uma vez que ser mãe e professora são elementos totalmente distintos. Ainda que essas relações – imaginárias, talvez - existam, é preciso recordar que são papéis e posicionamentos divergentes, ainda que existam a correlação de poder em ambos os cenários.

Acrescido a isso, as mulheres - sejam elas docentes, mães, ou não - padecem diariamente de diversas discriminações, frutos de uma sociedade secular que implantou o patriarcado. A própria representatividade feminina da sala de aula executa nessa premissa, onde a autorização da mulher para o trabalho de lecionar advém da correlação entre a educação e o feminino. Ainda assim, essas mulheres não estão longe de sofrer uma série de exclusões e violências aplicadas ao gênero. É comum, então, a reprodução de machismo e atos de agressão oriundos da misoginia. Assim, nem no seu próprio ambiente de trabalho, ou no seu lar, a mulher vai estar livre de sofrer essas retaliações.

Diante disso, como é possível reverter essa situação? Souza e Giroto (2019) recordam do papel da escola, um lugar o qual é necessário construir uma potência de cultura, não só pela paz como também pela quebra dos preconceitos e das discriminações. A mulher está longe de ser um sexo frágil, mas também não pode se ater a suportar todas as dificuldades que o machismo produz. Portanto, a sala de aula precisa exigir um espaço para discussão e quebra de valores e ideias discriminatórias, estabelecendo equidade entre os gêneros, e possibilitando que as mulheres vivam plenamente sua vida e suas escolhas. E a educação não pode ser apenas um espaço delas, pois é

necessário que todas as pessoas estejam envolvidas para que se quebrem esses paradigmas patriarcais, estabelecendo um saber saudável e livre para todas as pessoas.

As relações, portanto, não podem ser transferidas e muito menos virar uma sobrecarga para essa professora/mãe. Freire (2007) recorda a necessidade de diferenciação: tia não! Consequentemente, as docentes passam a recordar que o seu ofício tem um sentido e uma regulamentação, e que, apesar da afetividade ligada a ela, ainda assim, existe um alto grau de profissionalismo e de conhecimento para exercê-la. A partir daí, é justo criar percepções que sejam diferentes das que respingam no imaginário coletivo sobre a docência. Dessa maneira, esse exercício promove uma distinção na forma como se observa e como se comporta diante desse professorado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, as linhas desse ensaio finalizam essa reflexão e ainda há muito o que se pensar e escrever. Existe uma forte presença feminina na formação de professores e, consequentemente, nas salas de aula. São mulheres que estão à frente de turmas nos mais diversos locais: zonas urbanas, rurais, nas florestas, nos sertões, nas regiões litorâneas, ribeirinhas e afins. A multiplicidade do Brasil reflete em formas de cultura e apresentações distintas. Ainda que exista muita beleza nessa premissa, o machismo faz parte da estrutura social deste país. Negá-lo é recusar a própria história. A docência não é uma vivência oriunda de magia, mas de uma dura realidade, acima de tudo aplicada às condições brasileiras.

É urgente o processo de reparação de gênero em vários aspectos sociais e na Educação não seria diferente. Muitas premissas ainda estão presentes nos continuamos educativos. A mulher à frente desses locais, seja ele a sala de aula, ainda necessita de um apoio que esteja estruturado em uma política pública que considere as delícias e os dissabores de ser uma mulher. Este texto buscou apresentar como essa problemática não é nova e que ainda carece de recursos que pensem e ajam de forma positiva dentro da vida dessa mulher/professora.

Enquanto isso, milhares de mulheres saem cotidianamente das suas casas, das suas vidas e se dirigem à escola. É aqui onde a magia acontece ou deixa de acontecer. O desejo é este ensaio chegar em mais espaços de discussão e construção coletiva, propiciando uma docência que acompanhe o acolhimento e a equidade de gênero. Só assim, conseguiremos construir respostas para o dilema, título deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo Queiroz de; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Misoginia e violência de gênero: origem, fatores e cotidiano. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 68–84, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/en/article/view/10842>. Acesso em: 20 mar. 2026.

ARAÚJO, Fátima Maria Leitão; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. Da militância política à constituição do ser professora: memórias revisitadas, histórias entrelaçadas. *Revista Brasileira de*

*Educação*, v. 27, p. e270001, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/74bfe14d-869a-455e-b159-3d92d70004fe>. Acesso em: 20 mar. 2026.

ATAIDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. *Revista Educação e Emancipação*, p. p. 167–188, 15 Jul 2016. Disponível em: <https://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4984>. Acesso em: 20 mar. 2026.

AZEVEDO, Nair Correia Salgado de; SBRISSA, Ieda. Mulher e Pedagogia: questões históricas e de gênero ligadas à educação brasileira. *Revista Campo da História*, v. 8, n. 2, p. 729-748, 2023. Disponível em: <https://ojs.campodahistoria.com.br/ojs/index.php/rcdh/article/view/141>. Acesso em: 11 mai. 2026.

BORGES, Fabrícia Teixeira. A professora que vemos nos filmes: construção identitária e significados da docência. *Cadernos Cedes*, v. 32, p. 303-317, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Nvyh6Dv4zXSvMwr9dPXMcmMh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: contribuições ao novo Plano Nacional de Educação III – redução das desigualdades*. Brasília, DF: Inep, 2024.

BRASIL. Senado Federal. *Senado aprova criminalização da misoginia*. Brasília, DF, 25 mar. 2026. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/noticias/senado-aprova-criminalizacao-da-misoginia>. Acesso em: 5 mai. 2026.

BRITO, Fabiana Amaro de. Machismo estrutural e suas manifestações cotidianas: um estudo sobre microagressões em espaços públicos e institucionais. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 17, n 13, 2024. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/AMAMEE>. Acesso em: 14 abr. 2026.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2020.

COSTA, Ana Paula; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 02, p. 475-489, 2011. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x2011000200011&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x2011000200011&script=sci_abstract). Acesso em: 14 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, vol. I: A vontade de saber*. Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. Olho D'água, 2007.

GIL, Maria Izaíra da Silva. Mulher, mãe e professora: desafios e ressignificações na prática docente e na pesquisa em tempos de ensino remoto. *SCLAS - Educação, Comunicação e Tecnologia*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 75–89, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sciasedcomtec/article/view/5036>. Acesso em: 14 abr. 2026.

LIMA, Cleiton Faria (org.). et al. *Seminários: trabalho e saúde dos professores: precarização, adoecimento e caminhos para a mudança* [recurso eletrônico]. São Paulo: Fundacentro, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17–23, maio/ago. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.  
MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. *Revista de administração contemporânea*, v. 15, p. 320-332, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2026.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira. O problema da superlotação e suas implicações nas aprendizagens das crianças na Educação Infantil no município de Porto de Moz-PA. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, v. 8, p. e15765-e15765, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/15765>. Acesso em: 03 jun. 2026.

PENAFIEL, Kelly Jessie Queiroz; SILVA, Claudiane Alencar da; ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. Reflexões de professoras de educação infantil sobre a condição feminina na docência. *Momento: Diálogos em Educação*, Rio Grande, v. 28, n. 3, p. 65-86, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8814>. Acesso em: 14 abr. 2026.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosangela C. A evolução da mulher no mercado de trabalho. *E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós*, v. 2, n. 2, p. 1-32, 2013.

SAFFIOTI, Heleith. *Gênero patriarcado violência*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Alda Kethellen Abreu et al. Síndrome de burnout em professores e suas causas: uma revisão integrativa. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 48, n. 2, p. 117-128, 2024. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/4067>. Acesso em: 11 mai. 2026.

SOUZA, Andréa Rodrigues de; MELO, José Carlos de. Educadora ou tia: os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professores (as) da educação infantil. *Revista Inter-Ação*, v. 43, n. 3, p. 697-709, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48977>. Acesso em: 03 jun. 2026.

SOUZA, Sauloeber Tarsio de; GIROTTO, Kênia Marcia Rodovalho. Feminização do magistério e os impactos na vida de professores nos ensinos infantil e fundamental (Pontal Mineiro). *Revista Profissão Docente*, v. 19, n. 41, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1291>. Acesso em: 11 mai. 2026.

*Submetido em Junho de 2026*

*Aprovado em Junho de 2026*

### Informações das autoras

Analice Alves Marinho Santos  
Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEMED  
E-mail: [analicemarinho@gmail.com](mailto:analicemarinho@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7887-1621>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3506413945163646>

---

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP  
*E-mail:* [paulo\\_juniorpio@hotmail.com](mailto:paulo_juniorpio@hotmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5493-5376>  
*Link Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/1650628197467367>